

**Discurso de Sua Alteza o Aga Khan,
por ocasião do Prémio Adrienne Clarkson para a Cidadania Global
Toronto, 21 Setembro de 2016**

Bismillah-ir-Rahman-ir-Rahim

Madame Adrienne Clarkson

Dr. John Ralston Saul

Madame Reid, Primeira Dama da Islândia,

Honrável Senhora Elizabeth Dowdeswell

Excelência John Tory

Senhores Ministros

Distintos Convidados

Senhoras e Senhores

Este é um momento profundamente memorável para mim. Dirijo os meus agradecimentos mais calorosos a Adrienne Clarkson, John Ralston Saul e para o Instituto de Cidadania do Canadá, por este maravilhoso Prémio - e a todos vós, por partilharem este momento.

Imaginem a honra que se sente - ao receber um prémio em homenagem a Adrienne Clarkson - entregue pela Adrienne Clarkson - e dedicado aos ideais dos quais Adrienne Clarkson é um exemplo marcante.

Como sabem – ao longo da sua vida – Madame Clarkson testemunhou o verdadeiro conceito da Cidadania Global, e o seu significado. Tendo chegado, aos dois anos de idade, como refugiada de fora do Canadá, tornou-se numa cidadã Canadiana no melhor, e mais completo sentido. Tornou-se, também, numa extraordinária defensora do verdadeiro significado da Cidadania Global. Assumindo várias responsabilidades, ao longo dos anos, tanto na qualidade de jornalista pensadora e emissora, e também como distinta Governadora Geral do Canadá e forte matriarca nacional, tem continuamente chegado aos diversos povos do Canadá, e em

todo o mundo – não só através das suas palavras eloquentes, mas também através de ações decisivas.

Madame Clarkson não se contenta em ser uma amiga e uma inspiradora; ela tem sido, também, para mim, uma parceira por quem tenho a maior estima. O seu contributo para o trabalho da nossa Rede para o Desenvolvimento foi marcado pelo seu mandato enquanto Diretora do Centro Mundial do Pluralismo em Ottawa, um dos vários projetos de colaboração em que a minha instituição, com profunda gratidão, se envolveu em colaboração com o Governo do Canadá.

Podemos dizer que, receber um prémio para a Cidadania Global de Adrienne Clarkson é um pouco como receber um Prémio de Excelência em hóquei de Wayne Gretzky!

Quanto ao conceito de Cidadania Global, foi algo em que eu comecei a pensar seriamente quando me tornei o Imam dos Muçulmanos Ismailis, há quase 60 anos. Felizmente, fui capaz de partilhar o meu pensamento acerca da Cidadania Global com as pessoas dedicadas, da Rede Aga Khan para o Desenvolvimento – com quem eu quero partilhar esta honra, hoje. O que aprendemos desde o início foi que, avançar com a nossa agenda nos obrigaria a respeitar uma imensa diversidade de etnias, de línguas e culturas, de religiões e filosofias. Em suma, aprendemos a abraçar os valores da Cidadania Global.

Enquanto discutimos esse conceito – e o espírito do Pluralismo em que este assenta - é apenas realista, do meu ponto de vista, reconhecer uma frustração crescente, em torno da história do pluralismo. Falamos com sinceridade sobre os valores da diversidade – sobre viver com complexidade. No entanto, em muitos casos, mais diversidade parece significar mais divisão - maior complexidade parece trazer mais fragmentação - e mais fragmentação pode trazer-nos para mais perto do conflito.

Os desafios parecem crescer com o passar do tempo - assim como os obstáculos. E é por isso que vou focar as minhas breves considerações de hoje, nos contínuos desafios para os ideais de Cidadania Global.

Um enorme desafio, claro, é o simples fato de que a diversidade está a crescer. A tarefa não se resume em, apenas, aprender a viver com a diversidade, mas sim em aprender a viver com maior diversidade, a cada ano que passa.

Um aspeto desta realidade em mutação, é o desafio da migração humana. Mais do que nunca, cada vez mais pessoas estão a movimentar-se, voluntária e involuntariamente, além fronteiras. De país em país, o tema da migração é uma questão central da vida política. Muitas vezes, é a questão central. E as antigas mentalidades - incluindo definições estreitas de exclusão de cidadania - não têm estado à altura o desafio.

Isso foi verdade há três meses, quando a Grã-Bretanha votou para sair da União Europeia. É verdade em debates pré-eleitorais em França, onde eu vivo agora - e nos Estados Unidos, onde frequentei a universidade. É verdade, no Canadá, como bem sabem – embora o Canadá tem sido, com certeza, um líder mundial na expansão do conceito de cidadania. No entanto, o desafio é sentido em todo o lado.

Nem o desafio da migração estará suscetível de se dissipar tão cedo - especialmente na medida em que a guerra e a violência e a privação económica, deslocam mais e mais pessoas.

Em tal mundo, o "Outro" não é mais um ser distante que encontramos principalmente nas páginas de uma revista, ou num ecrã televisivo, ou numa viagem exótica. O “Outro” é, cada vez mais, alguém que aparece no que consideramos o “nosso espaço” – ou até “na nossa cara”. E essa realidade pode ser difícil de gerir.

Quando o Outro é visto como um concorrente potencial – para um emprego, por exemplo – mesmo que este receio seja infundado – o desafio para as atitudes pluralistas torna-se mais difícil. Para aqueles que se sentem inseguros, é tentador ir à procura de bodes expiatórios, de culpar alguém, quando a sua auto estima parece estar sob ameaça.

É frequente acharmos mais fácil definirmos a nossa identidade pelo que a que nos opomos, do que por aquilo que defendemos.

Tais temores podem ter razões culturais, ou económicas, ou podem ter raízes psicológicas. Mas não devem ser subestimadas. E não serão afastadas por palavras agradavelmente sonantes, proclamando ideais elevados.

E por isso gostaria de salientar - como Adrienne Clarkson sempre o fez - a nossa responsabilidade para melhorar a qualidade de vida em lugares em todo o mundo onde que a qualidade é insatisfatória - combater a pobreza, melhorar a saúde e educação, expandir oportunidades - como a primeira manifestação de um ética pluralista saudável. Pluralismo significa responder à diversidade, não só em casa, mas numa base global, na criação de genuínas "visões de oportunidade" onde restrições ou reversões estão no ar.

No entanto, o crescente desafio aos valores pluralistas não acontece somente quando as pessoas se movimentam fisicamente, de um lugar para outro. À medida que as novas tecnologias encolhem o planeta, as forças distantes transformam-se em terríveis ameaças. Preocupamo-nos com os perigos da degradação ambiental, por exemplo, incluindo o espectro da mudança climática. Vemos, como cada economia local pode ser afectada pelas economias distantes. Percebemos como forças perigosas podem espalhar-se para além das fronteiras nacionais - doenças mortais, ou armamento letal, redes criminosas ou ameaças terroristas. E, muitas vezes, o impulso humano não é trabalhar através das fronteiras para enfrentar esses perigos, mas de se afastar de um mundo ameaçador.

Um elemento que complica este desafio é a maneira pela qual comunicamos com os nossos vizinhos globais. Por vezes, pensamos que as novas tecnologias nos podem salvar. Se nos podemos conectar a velocidades mais rápidas, a um custo menor, através de distâncias maiores, com mais pessoas - pensem no que poderia acontecer! Poderíamos, todos, aprender mais sobre o outro – e, talvez, compreender melhor o outro.

Mas não estou certo de que as coisas estão a funcionar dessa maneira. A explosão de informações disponíveis, muitas vezes significa menos foco em informações relevantes - e até mesmo um excesso de desinformação. A liderança pensadora, muitas vezes dá lugar a uma conversa ruidosa.

A proliferação dos media é outro desafio: o que frequentemente significa, é a fragmentação dos media. Neste momento, muitos vivem nas suas próprias bolhas de media, resistindo a visões diversas. As novas tecnologias podem fazer com que a comunicação apareça facilitada, mas pode, também, dificultar o pluralismo.

Uma outra dimensão do desafio tem que ver com as realidades da natureza humana.

Ouvimos, amiúde, nas discussões sobre a Cidadania Global que as pessoas são basicamente iguais. Sob a pele, no fundo dos nossos corações, somos todos irmãos e irmãs - dizem-nos - e o segredo para um mundo harmonioso é ignorar as nossas diferenças e realçar as nossas semelhanças.

O que me preocupa, porém, é quando alguns absorvem essa mensagem de forma a significar que as nossas diferenças são triviais - que podem ser ignoradas - e, eventualmente, apagadas. E isso não é um bom conselho. Na verdade, é impossível. Sim – a nossa humanidade subjacente deve motivar a nossa busca por um pluralismo saudável. Mas essa busca também deve ser construída sobre uma resposta empática sobre as nossas diferenças importantes. E esse, é mais uma vez, um ponto que Adrienne Clarkson tem articulado, enfaticamente.

Fingir que as nossas diferenças são triviais não vai persuadir a maioria das pessoas a abraçar atitudes pluralistas. Na verdade, pode assustá-las. As pessoas sabem que as diferenças podem ser um desafio, que as divergências são inevitáveis, que os nossos companheiros humanos podem, por vezes, não estar em concordância. Como Madame Clarkson constatou, "o segredo para a harmonia social é aprender a viver com pessoas de quem não se goste, particularmente."

O meu receio é que falar apenas sobre a nossa humanidade em comum, possa ameaçar as identidades distintas das pessoas. E isso, pode complicar o desafio do pluralismo.

Quem sou eu? *Qui suis-je*^[FN1]? Devemos, todos, colocar essa pergunta. As respostas surgirão de lealdades básicas - a família, a fé, a comunidade, a língua - que proporcionam uma sensação saudável de segurança, e de valor. No entanto, se o apelo para o pluralismo parece diluir essas antigas lealdades, então esse novo apelo pode não ser eficaz.

Abraçar os valores de cidadania global não deve significar comprometer os laços de cidadania local ou nacional. O apelo ao pluralismo deve levar-nos a respeitar as nossas diferenças, mas não ignorá-los, deve conduzir à integração da diversidade, não à depreciação da diversidade.

O apelo ao cosmopolitanismo não é uma chamada para a homogeneização. Significa afirmar a solidariedade social, sem a imposição de conformidade social. A identidade de alguém não precisa de ser diluída num mundo pluralista, mas sim, assumida - como um fio brilhante num pano de várias cores.

Há dois anos, quando Adrienne Clarkson proferiu as Conferências Massey no CBC, ela utilizou uma frase que se tornou o título do seu livro: ". Pertencer, o Paradoxo da Cidadania". A palavra "paradoxo" expressa precisamente o desafio que tenho vindo a discutir.

Talvez a chave para resolver o paradoxo da Cidadania é reflectir sobre as camadas de sobreposição de identidade. Afinal de contas, é possível honrar uma variedade de lealdades – desde uma fé, uma etnia, uma língua, uma nação, uma cidade, uma profissão, uma escola, mesmo até uma equipa de desporto! Poderemos partilhar algumas destas identidades com algumas pessoas - e outras identidades com outras.

A minha própria comunidade religiosa identifica-se orgulhosamente como muçulmanos Ismaili - com a nossa interpretação específica da fé, e história islâmica. Mas também temos um sentimento de pertença em relação à globalidade do mundo muçulmano, a Ummah.

Dentro da Ummah, a diversidade de identidades é imensa - maior do que a maioria das pessoas percebem - diferenças baseadas na língua, história, nacionalidade, etnia e uma variedade de filiações locais. Mas, ao mesmo tempo, observo um sentimento crescente dentro da Ummah, de um elo significativo.

Quando a questão da identidade humana é vista neste contexto, então a própria diversidade pode ser vista como uma dádiva. A diversidade não é uma razão para erguer muros, mas para abrir janelas. Não é um fardo, é uma bênção.

No final, é claro, temos que perceber que a convivência com a diversidade é um processo desafiador. Não podemos assumir que será fácil. O trabalho do pluralismo é sempre um trabalho em curso.

Parte desse trabalho será realizado nas nossas escolas. O que denominei a Ética Cosmopolita não é algo com a qual nascemos, é algo que deve ser aprendido. Da mesma forma, o Instituto para a Cidadania do Canadá, sob a liderança inspiradora de Adrienne Clarkson e John Ralston Saul, tem vindo a trabalhar para dar às pessoas que são novas no Canadá, um novo sentimento de pertença. Mas este processo não se sustenta a si próprio. Requer planeamento, persistência e pensamento novo. É um trabalho que nunca está terminado.

Finalmente, a promoção da causa da Cidadania Global não se limita à construção de sociedades saudáveis e diversificadas, mas também, na sua manutenção. Inevitavelmente, novos desafios irão surgir. A Chefe de Justiça do Canadá, Honorável Beverly McLachlin, mencionou tais desafios no ano passado, quando proferiu o Discurso anual no nosso Centro Global para o Pluralismo. Ela falou de como uma sociedade cosmopolita necessita, continuamente, de procurar o equilíbrio entre a diversidade saudável e a coesão social. Para fazer isso bem, disse, é necessário haver respeito pela dignidade humana, instituições legais sólidas, e um ambiente institucional pluralista.

Para mim, esta última força implica a existência de uma sociedade civil diversificada - um conjunto saudável de organizações privadas que se dedicam a fins públicos. Para o pluralismo

prosperar exigirá a integração bem sucedida de diversas instituições, e de uma liderança diversificada.

Estes são apenas alguns pensamentos, à medida que olho para o futuro da Cidadania Global. Os desafios, em suma, serão muitos e contínuos. O que é que vão exigir de nós? Uma pequena lista poderá incluir as seguintes forças: um sentido vital de equilíbrio, uma capacidade abundante de compromisso, mais do que um pouco de paciência, um grau adequado de humildade, uma boa medida de perdão e, claro, um sentido genuíno de acolhimento da diferença humana.

Vai significar trabalho duro. Nunca estará completo. Mas não haverá trabalho mais importante.

Obrigado.